

a farsa

série vancouver storm | livro 2

stephanie archer

Tradução de Célia Correia Loureiro

*Para a Helen Camisa, que acredita que toda a gente merece mexer-se
e sentir-se bem no próprio corpo*

Avisos de conteúdo

Alguns detalhes sobre o mundo do hóquei profissional foram adaptados para que o leitor desfrute da leitura.

Para verificar os avisos de conteúdo deste livro, faça *scan* do código QR que se encontra em baixo ou aceda a www.stephaniearcherauthor.com/contentwarnings



Capítulo 1

Rory

Sinto os ouvidos a latejar enquanto patino em direção à rede, durante o meu primeiro jogo no Vancouver Storm. Estamos empatados no prolongamento e o barulho da multidão aumenta quando recuo e atiro o disco à rede.

O disco bate na trave, e os adeptos do Vancouver soltam um gemido de decepção.

São as estrelas que marcam golos. O meu pai — a lenda canadiana do hóquei, Rick Miller — disse-o várias vezes ao longo dos anos, e é o que repito a mim mesmo enquanto passo o disco no meio da confusão de jogadores e patino para trás até ficar isolado.

O apito soa, o jogo para e olho para a rapariga bonita que captou a minha atenção a noite inteira.

A Hazel Hartley, uma das fisioterapeutas da equipa — deslumbrante, de língua afiada, pestanas longas e escuras, boca suave com o tom perfeito de rosa e os olhos azul-acinzentados mais impressionantes que alguma vez vi —, está sentada atrás da rede com a irmã, a Pippa, que tem ar de quem preferia estar noutro sítio qualquer.

A Hazel Hartley, a minha explicadora durante o secundário, que tinha namorado, que não me suporta e que já não namora com jogadores de hóquei. Apesar de a Pippa usar uma camisola dos Storm com o nome do seu noivo — o guarda-redes Jamie Streicher — nas costas, e apesar de a Hartley trabalhar para a equipa, não a vejo com uma camisola desportiva desde o secundário. Esta noite, observo o seu cabelo castanho, preso num rabo de cavalo, e o casaco roxo-claro. Aposto que está a usar as *leggings* pretas que fazem o rabo dela parecer incrível.

Pisco-lhe o olho; ela revira os olhos.

Sorrio; ela finge que boceja.

Há algo enérgico e viciante que me inunda as veias com a nossa troca de olhares. Sempre fomos assim, desde o secundário.

Os jogadores alinham-se para o confronto direto e eu volto a concentrar-me no jogo. À volta do rinque, os adeptos estão a ficar ansiosos, desesperados por uma vitória. O apito soa e começo a correr com o disco em direção ao guarda-redes.

— Vamos lá, Miller — diz o treinador Ward, do banco.

Sinto a determinação disparar dentro de mim. O Tate Ward queria o melhor marcador da liga, por isso tenho de lhe comprovar aquilo pelo qual pagou. É o meu ídolo desde que também ele era jogador.

Poder jogar na sua equipa esta época vai resolver, dentro da minha cabeça, o que quer que tenha corrido mal. É assim que tem de ser.

O Hayden Owens, um defesa do Vancouver, está isolado. Ele teria um remate certeiro à rede, mas são as estrelas que marcam golos, e não estou aqui para passar o disco.

Atiro o disco para a baliza, ele bate no fundo da rede e o recinto explode com o barulho do meu golo da vitória. O sinal sonoro do golo toca, as luzes do estádio piscam e o resto da equipa do Vancouver rodeia-me. No banco, vejo os rapazes a aplaudir. Até o treinador Ward, calmo e sério, bate palmas. Fico à espera de sentir o orgulho a consumir-me, como é suposto acontecer depois de um momento destes.

Nada. Os adeptos abanam os vidros e a equipa rodeia-me, mas sinto um vazio silencioso.

Merda.

Eu costumava importar-me. Marcar golos costumava fazer-me sentir no topo do mundo, como se nada pudesse derrubar-me. Agora, sinto que perdi o ânimo, como se estivesse só a desempenhar um papel. Ser jogador de hóquei profissional, o melhor da liga, costumava ser o meu sonho, mas, hoje, parece mais um trabalho.

Vir para Vancouver jogar na equipa do Ward, com o guarda-redes Jamie Streicher, o meu melhor amigo... eram acontecimentos que deviam mudar esta sensação.

— Anima-te, Miller. — O Owens agarra-me pelos ombros e tenta prender-me pela cabeça. — Acabaste de ganhar o jogo.

Rio-me e empurro-o, afastando todos os pensamentos estranhos enquanto patinamos para trás da rede, até ao banco. Quando passamos pela Hazel, faço-lhe um sorriso convencido e presunçoso que sei que a irrita.

Os fãs observam enquanto bato com o *stick* no vidro e ela ergue o olhar para o meu, arqueando uma sobrancelha como se dissesse *o que foi, idiota?*

Queres um autógrafo?, murmuro, imitando uma assinatura no ar.

Vejo-a curvar os lábios num sorriso divertido. *Quem te dera*, respondo-me ela enquanto se levanta.

O meu peito expande-se com uma sensação de aperto e excitação. Ninguém fala comigo como a Hartley. Sempre gostei disso nela.

E, nestes dias, irritá-la é a única coisa que me faz sentir realmente algo.

Ao lado dela, a Pippa sorri para mim, acenando.

— Que belo golo, Rory — grita ela, por cima do vidro.

O Owens bate no vidro, acenando-lhe, e ela ri-se, os olhos iluminando-se quando o Streicher, o seu noivo, patina para a cumprimentar com um sorriso tranquilo.

Sinto qualquer coisa no coração quando vejo a Pippa a mandar-lhe um beijo. Atrás dela, a Hartley já está a meio caminho das escadas que levam para fora do recinto, com o rabo de cavalo a balançar a cada passo.

Ela está *mesmo* a usar as tais *leggings* e o seu rabo *está* incrível.

— Acho que a Hartley gosta de mim — digo aos rapazes, por cima da música do estádio, mantendo os olhos na sua figura em fuga.

O Owens ri-se, e até o mal-humorado Streicher o imita.

— Nem pensar, amigo — diz o Owens, dando-me uma palmada nas costas enquanto patinamos para fora do gelo.

Sinto os meus instintos competitivos e determinados ganharem vida, aperfeiçoados por anos de hóquei e de treinos. Gosto de desafios e detesto perder.

O facto de a Hartley não me ligar nenhuma espeta-se na minha mente como um espinho. Gosto dela, mas não sei como fazer com que algo aconteça entre nós. Acho que, no fundo, ela também gosta de mim.

O hóquei é tudo, está sempre o meu pai a dizer. *O hóquei vem em primeiro lugar*.

Apegar-me a uma rapariga é um jogo perigoso, mas não consigo esquecer a Hazel Hartley.

— Miller — diz o treinador Ward, quando me dirijo para o balneário. — Passa pelo meu gabinete depois da entrevista de imprensa pós-jogo.

Aceno-lhe e dirijo-me para os chuveiros, com a cabeça ainda cheia de pensamentos referentes à Hazel.

...

Depois da minha conversa com o Ward, volto para o balneário, com as ideias a fervilhar-me na cabeça. O Streicher ainda lá está, a arrumar as suas coisas.

— Bom jogo o de hoje — diz ele, com um aceno de cabeça.

Mordo o interior da bochecha enquanto os pensamentos estranhos sobre sentir-me vazio e as vitórias já não serem tão doces ameaçam saltar para fora. Eu e o Streicher jogamos hóquei juntos desde os cinco anos e confio nele mais do que em qualquer outra pessoa, mas depois do que o Ward disse, sei que tenho de o guardar para mim.

— Vais encontrar-te com a Pippa? — pergunto, enquanto agarramos nas malas e saímos.

Normalmente, ela espera por ele no camarote privado da equipa, no andar de cima, com os outros sócios e famílias. Talvez a irmã esteja com ela.

— Ela foi diretamente para casa. Não queria ficar na rua até tarde por causa da festa de noivado.

— Pois é. — É amanhã à noite, num restaurante em Gastown, perto do apartamento deles.

Dirigimo-nos para o átrio, acenando boa noite aos funcionários do estádio.

— O que queria o Ward?

A ansiedade aumenta nas minhas entranhas.

— Ele ofereceu-me o lugar de capitão.

O Streicher olha para mim, tão surpreendido como eu me senti.

— A sério?

— O Ward reconhece talento quando o vê. — Faço-lhe o meu sorriso mais convencido e de vencedor, mas continuo a sentir o peito apertado de incerteza.

Esta época, corrige o teu comportamento. Faz por ganhar o teu lugar, Miller, disse o Ward. *Sê o capitão de que esta equipa precisa.*

No ano passado, quando joguei pelo Calgary, e antes de resolvermos tudo, lutei no meio do gelo com o Streicher. Durante outro jogo, irritei-me com os adeptos e levantei-lhes o dedo do meio, sendo penalizado com um penálti e um lugar nos destaques dos meios de comunicação desportivos durante o resto da semana. Esta noite, quando o sinal sonoro do golo se ouviu e o resto da equipa me felicitou, não quis saber.

Nenhuma destas coisas está de acordo com o que deve ser um bom capitão. Eu não sou um líder. Sou um parvalhão. A superestrela. O gajo que toda a gente adora odiar.

— Vais aceitar? — perguntou ele.

— Tenho de aceitar. — Sinto um peso na garganta. — Tenho um contrato de um ano.

Quando começou a trabalhar com a equipa na época passada, o Ward negociou contratos com alguns jogadores que não tinham agentes, contratando-os para períodos curtos, afirmando à imprensa que não estava somente a adquirir jogadores, mas a criar uma equipa. No final da época, cerca de metade desses jogadores tinham sido despachados.

— Se quiser ficar em Vancouver — acrescento —, preciso de manter o Ward feliz. — Passo a mão pelo cabelo. — Além disso, o Ward é o único gajo para quem quero jogar.

Há uma década, o Tate Ward era um dos jogadores mais promissores da história do hóquei profissional, até ter ferido o joelho e terminado a sua carreira. Os *posters* dele estavam espalhados pela parede do meu quarto. Para além de mim, ele foi o único outro tipo que ultrapassou as estatísticas do meu pai.

— O Ward é diferente — digo ao Jamie.

Todos os treinadores com quem joguei, incluindo o meu pai quando dirigiu a equipa de juvenis onde eu e o Streicher jogávamos, usavam a agressividade e a intimidação para motivar os jogadores. O Ward não grita. Ele mal falou durante os treinos desta semana. Explicou-nos as jogadas e observou. De vez em quando, chamava um jogador à parte e dava-lhe indicações discretas.

Sempre gostei muito de aprovação paternal e quero deixar o Ward orgulhoso.

O Jamie emite um ruído de concordância quando chegamos aos elevadores para o parque de estacionamento.

— E, agora que estamos bem outra vez — carrego no botão para chamar o elevador —, gosto de jogar na mesma equipa que tu.

Não falamos sobre o que aconteceu, sobre o período de sete anos em que eu e o Streicher não nos falámos porque fui estúpido o suficiente para ouvir os conselhos do meu querido pai. *Não sejas amigo dos jogadores da equipa adversária*, disse ele, quando fomos recrutados.

O Rick Miller nunca foi um perito em qualquer tipo de relação, mas demorei algum tempo a compreender isso mesmo.

Ouvimos o som do elevador a mudar de andar e o Streicher acena com a cabeça.

— Também estou feliz por estares aqui, mano. A Pippa também.

Ele contorce o canto da boca, numa versão rabugenta de um sorriso, e algo se alivia dentro de mim.

Talvez ser capitão seja o pontapé no rabo de que preciso. Talvez seja o que, por fim, conserte o que está danificado dentro de mim. Um desafio novo.

— Pensei que só tinhas aceiteado a troca para poderes chatear a Hartley durante o ano inteiro — acrescenta.

Faço-lhe um sorriso brincalhão, pensando nos bocejos dela durante o jogo. Que pirralha do caraças.

— Talvez um bocadinho.

Penso como seria jogar noutra equipa e não ter ninguém para provocar, e fico com aquela sensação de falta de inspiração que senti depois de marcar o último golo desta noite.

— Consigo ver-te no papel. Enquanto capitão. — Ele aperta outra vez o botão do elevador, impaciente.

Sei que não sou a pessoa certa, mas o que ele disse acendeu de novo aquela chama de competição e desafio. Tenho de tentar.

Os nossos telemóveis tocam.

— Deve ser a dita comunicação — digo-lhe, enquanto ele tira o telemóvel.

— Sim. — Ele percorre o ecrã, lendo o *e-mail*. — Rory Miller, o novo capitão do Vancouver Storm.

Por fim, o elevador chega e entramos, o Streicher ainda a ler enquanto eu carrego no botão para nos levar ao parque de estacionamento.

— Há uma nova aquisição — murmura ele.

— Quem é? — Entre os anos enquanto juniores e os passados já na liga, jogámos com ou contra quase toda a gente.

— O Connor McKinnon.

Fico parado, com o olhar fixo no do Streicher enquanto um mau pressentimento percorre as minhas entranhas.

— É o...

— Sim. — Ele olha para o telemóvel, relendo o *e-mail*. — O ex-namorado da Hazel.

Os meus ombros ficam tensos. Merda, odeio aquele idiota.

Sim, eu sou um idiota arrogante e hostil que precisa de ser o centro das atenções. Mas o McKinnon? O McKinnon é do *piorio*. Ele andou connosco no secundário. Durante dois anos, vi a Hazel a fazer-lhe olhinhos enquanto ele não lhe ligava nenhuma. Falava mal dela. Abandonava-a. Dentro e fora do gelo, ele é agressivo e convencido.

A Pippa disse que eles terminaram algures no final do primeiro ano de faculdade da Hazel. Não sei o que aconteceu, mas a Hazel não voltou a sair com jogadores de hóquei.

Sinto os meus instintos protetores à flor da pele. Não quero que ele se aproxime dela.

— Quem é a fisioterapeuta dele? — pergunto, aclarando a garganta e tentando manter a voz calma.

O Streicher suspira e eu já estou a abanar a cabeça.

— A Hazel — diz ele.

Merda. Preciso de fazer alguma coisa em relação a este assunto.

Amanhã, na festa de noivado do Streicher e da Pippa, vou falar com ela.

Capítulo 2

Hazel

— *P*arabéns — digo na noite seguinte, contra o cabelo da Pippa, enquanto nos abraçamos na festa de noivado. — Amo-te e estou muito feliz por vocês, mas se ele te partir o coração, faço um *photoshop* de fotografias dele de fralda com uma dominatrix e publico-as na *internet*.

Afastamo-nos e ela sorri. O restaurante íntimo que reservei para o evento está cheio de família, jogadores do Vancouver Storm e respetivas parceiras, e de alguns amigos que a Pippa fez este verão durante a sua digressão, como cantora e compositora, enquanto promovia o novo álbum.

— Estou a brincar — digo-lhe, puxando uma madeixa do seu cabelo longo, ondulado e dourado como o mel.

Ela ri-se.

— Eu sei.

Sob a luz suave e fraca do restaurante, ela está radiante. Talvez seja o que acontece às pessoas quando se apaixonam como a minha irmã. O Jamie precisava de uma assistente quando se mudou para Vancouver, mal sabia ele que seria com a sua paixão do secundário que iria acabar por ficar noivo.

Atrás dela, o Jamie olha para nós com um sorriso ligeiro, inclinando-se para me dar um abraço forte.

— Não estou a brincar — sussurro, e ele bufá.

— Obrigado por organizares a festa. — Dirige o olhar para a Pippa, que está agora a conversar com os nossos pais e a mãe do Jamie. — É muito importante para nós.

A emoção sobe-me à garganta.

— Não tens de quê. Estou mesmo muito feliz por vocês. — Ofereço-lhe

um sorriso hesitante. — Sei que ela é tudo para ti e que vais tomar conta dela, e estou feliz por seres o meu futuro cunhado.

Ele arqueia uma sobrancelha, mas há um brilho provocador nos seus olhos.

— Mesmo que eu seja um jogador de hóquei?

Solto uma gargalhada. No início do relacionamento deles, deixei bem claro à Pippa o que pensava sobre jogadores de hóquei — são tratados como deuses e sentem-se no direito de ter *o que e quem* quiserem.

— Tu és a exceção. Não era capaz de deixar qualquer um casar com a minha irmãzinha.

Aquela emoção calorosa e fluida sobe-me de novo pela garganta, pican-do-me os olhos quando ele me aperta o ombro.

— Vamos tirar algumas fotografias antes do jantar — diz a minha mãe, apontando para a Pippa e para o Jamie.

— Só um segundo. — A Pippa agarra a minha mão e começa a puxar-me para longe. — Preciso que a Hazel me ajude com... uma coisa.

— Que coisa? — pergunto, enquanto ela me arrasta pelo restaurante. — Eu trato disso para que te possas divertir...

No átrio tranquilo na parte da frente do restaurante, longe das pessoas na sala de jantar principal, ela vira-se para mim.

— Tens andado a evitar-me.

— Oh. — Tento encontrar uma desculpa para a minha falta de resposta às suas três mensagens de texto acerca da nova aquisição da equipa.

— O Connor agora faz parte da *equipa*, Hazel.

Pela décima vez nas últimas vinte e quatro horas, o meu estômago contorce-se.

— Eu sei.

É tudo em que tenho pensado. O meu ex-namorado mentiroso, traidor, manipulador e narcisista está agora na equipa para a qual trabalho, e fui designada para ser a sua fisioterapeuta.

Passei a noite a remexer-me na cama.

— Vamos fazer o quê? — pergunta.

Não posso desistir, porque trabalhar para a equipa é uma experiência incrível e, na verdade, adoro o meu trabalho. Os fisioterapeutas seniores são experientes e simpáticos, e é surpreendentemente gratificante trabalhar com os jogadores. Embora eu esteja a poupar para um dia abrir o meu próprio estúdio de *fitness*, trabalhar para os Storm é uma oportunidade única. Seria estúpido ir-me embora.

— Nada — digo-lhe, fazendo um sorriso neutro como se não me importasse. — Não vamos fazer nada.

— Ele traiu-te.

O meu estômago aperta-se e penso naquela festa na universidade em que toda a gente ficou a ver e a sussurrar. O que ele me disse e como isso me marcou durante anos.

— Estou ciente disso. — Mantenho a voz baixa e a expressão agradável para o caso de alguém olhar para nós. — Toda a gente viu que sou a fisioterapeuta dele, incluindo ele. Se for alterado agora, toda a gente vai saber...

As palavras ficam suspensas, enquanto me interrompo. Quanto mais nos aprofundamos neste assunto, mais errático bate o meu coração. Nem mesmo a Pippa sabe toda a verdade.

Não quero que ele saiba que me afetou e que ainda estou magoada com o que aconteceu. Nem gosto que a Pippa saiba, apesar de ser a minha irmã e melhor amiga.

Sou eu que tomo conta dela e não o contrário.

— Passei dois anos no secundário a trabalhar para que... — Estou prestes a entrar a fundo no meu arsenal de insultos, mas é suposto convencer a Pippa de que estou bem. — Para que pudéssemos ir para a universidade juntos. — O Connor é um ano mais velho que eu. Estudei muito para que não tivéssemos de ficar separados. Fiz cursos de verão para poder avançar com ele.

Os olhos dela amolecem e odeio a sensação. Odeio que ela se sinta mal por mim.

— Eu não vou fugir. — Endireito-me, inclino os ombros para trás e finjo possuir toda a energia forte de que preciso neste momento. — Cheguei primeiro e não vou a lado nenhum.

A Pippa abre a boca para dizer alguma coisa, mas interrompo-a.

— É a tua festa de noivado. *Por favor*, não deixes que a atenção recaia sobre mim ou planeio outra. — Bato com o dedo no lábio, estreitando os olhos. — Estou a imaginar fotografias tuas em digressão espalhadas pelas paredes. O Jamie ia adorar.

Ela bufa.

— És uma ameaça. — A sua expressão torna-se relutante enquanto observa o meu rosto. — Tens a certeza de que estás bem?

— Estou cem por cento bem. — Faço um sorriso radiante. Pela forma como ela estremece, fui demasiado dura, mas dou-lhe um empurrão leve para dentro do restaurante. — Vai. Socializa. Exibe o teu anel de noivado enorme.

Ela espeta-me a língua de fora e eu faço-lhe o mesmo, antes de ela voltar

para o restaurante. O Jamie estende a mão quando ela se aproxima e, por um momento, observo-os. A mão dele pousada na cintura dela, mantendo-a por perto. O seu sorriso suave e afetuoso enquanto ela olha para ele.

Como será, pergunto-me, ser tudo para alguém?

Confiar numa pessoa daquela forma?

Sinto um aperto forte no coração. Raparigas como a Pippa recebem amor como este. Raparigas como eu? Recebemos casualidades. Durmo com homens uma vez e só uma vez. É mais seguro assim. Ninguém fica com esperanças e ninguém se magoa.

Volto a entrar no restaurante, mas dou de caras com um peito largo e rijo.

— Desculpa...

O Rory Miller inclina o sorriso arrogante e divertido para mim. Todo o ar é sugado para fora da sala e o meu estômago faz aqueles malabarismos irritantes.

— Cá estás tu, Hartley.

Esta reação? A culpa não é minha. É o maldito carisma dele. Pestanejo para os seus olhos azuis profundos e esmagadores, da cor de um oceano temperamental. Ele é quase trinta centímetros mais alto do que eu, com cabelo louro-escuro um pouco longo de mais. Cabelo de hóquei, é como os rapazes lhe chamam. Com o seu excesso de confiança ociosa, ele conquista o que quer.

Não que eu alguma vez o admita.

Mas é o sorriso dele que me irrita. Um divertimento perpétuo, com uma inclinação de sedução nos lábios. É exatamente como uma superestrela do hóquei sorri, como se soubesse que pode ter tudo.

Odeio o sorriso estúpido e arrogante do Rory Miller. Odeio-o tanto que estou sempre a pensar nele.

Ele dá um passo atrás, olha para a minha roupa — um vestido pelos joelhos vermelho-escuro com um decote em forma de coração e uma saia justa que me deixa com um rabo fantástico — e solta um assobio baixo.

— Estás muito bonita — diz ele.

Faz novamente um daqueles sorrisos sedutores e os nervos percorrem-me o corpo. Estou calma, fria e completamente desinteressada no Rory Miller, e se o disser a mim mesma vezes suficientes, pode ser que se torne verdade.

O calor sobe-me às bochechas e aclaro a garganta.

— Obrigada. Com licença. — Movo-me para o contornar, mas ele mette-se no meu caminho, bloqueando-o.

— Admite. Estás a usar esse vestido para mim.

— Uau, Miller. — Solto um riso leve. — A sala fica mesmo inundada com esse teu ego enorme.

Ele lança-me uma expressão de repreensão e provocação.

— Vá, Hartley, alinha na brincadeira e diz que também estou bonito.

Passo os olhos pelo seu fato. Feito propositadamente para o seu corpo alto e largo, que grita *feito à medida e caro*, mas é do tecido azul-marinho que tenho dificuldade em desviar o olhar. É a tonalidade exata dos seus olhos.

— Não precisas que te massage o ego. — Devia ir-me embora, mas, em vez disso, dou uma palmada na cabeça em sinal de desapontamento mordaz. — Oh, meu Deus. Esqueci-me de reservar um lugar para a tua boneca sexual.

Ele alarga o sorriso e faíscas dançam-me pelo estômago. O Rory não tem mesmo uma boneca sexual — acho eu —, mas esta é uma das minhas piadas favoritas.

— Dei-lhe a noite de folga — diz ele, em voz baixa, inclinando-se com um sorriso malicioso e olhos brilhantes. — Ela mereceu-a.

Uma gargalhada rebelde ameaça escapar-se-me da boca, mas contendo-a. Não me vou rir das piadas do Rory Miller. Ele é basicamente uma criança e isso só o vai encorajar.

— Rory. — A Donna, a mãe do Jamie, aparece com o fotógrafo que contratei. — Chegaste. — Ela gesticula para nós os dois. — Vamos tirar uma fotografia.

Antes que eu possa protestar em como não estamos juntos, ele passa a mão pela minha cintura, puxando-me para si. O seu cheiro envolve-me — cálido, condimentado e silvestre, como sândalo e cravinho. Seja pelo seu odor intensamente masculino ou pela forma como o calor do seu corpo aquece o meu, sinto o estômago às voltas.

— Relaxa — murmura ele ao meu ouvido, apertando-me a cintura. — Estás tão tensa.

O fotógrafo alinha a focagem e eu conto os segundos até ao jantar, onde coloquei o Rory no lado oposto de onde me vou sentar.

— Vamos sair os dois — diz ele, calmamente, enquanto a câmara faz um clique.

Bufo, mesmo quando o prazer me atravessa.

— Estás a brincar. A tua boneca sexual vai ficar com ciúmes.

O seu riso tranquilo faz-me cócegas na bochecha.

— Não, eu levo-a.

Desta vez, solto uma risada e o *flash* dispara. Estrelas explodem na minha visão.

— Adorável — diz o fotógrafo, continuando a tirar fotografias. — Que casal tão bonito.

Abro e fecho a boca como um peixe. A câmara volta a fazer um clique e eu afasto-me dele, aumentando a distância entre nós.

As mãos dele deslizam para os bolsos enquanto me observa, descendo o olhar até ao meu decote, tão depressa que mal o apanho.

— Vá lá, Hartley.

— Não saio com jogadores de hóquei e tenho quase a certeza de que nem sequer sabes o meu primeiro nome.

Ele estreita o olhar, o sorriso torna-se sedutor.

— Queres que diga mais vezes o teu nome, *Hazel*?

Um arrepio de alguma coisa estranha percorre-me as costas. A última coisa de que preciso é que ele volte a usar *aquela* voz baixa e sedutora.

— Não.

— Então, vamos ser amigos.

A inclinação da sua boca e a forma como arrasta os olhos sobre mim fazem-me abanar a cabeça. Ele não quer que sejamos amigos. Ele adora a perseguição. Uma pessoa não chega onde está no hóquei sem ser insanamente competitiva, e recusá-lo é como uma erva-gateira.

Com tipos como o Rory e o Connor, é apenas uma questão de tempo até se aborrecerem e passarem para a emoção seguinte.

— No secundário, Miller, chantageaste-me para te dar explicações. Usaste o teu estatuto de jogador de hóquei atraente e talentoso para conseguires o que querias. — Ele falou com o treinador de hóquei, que falou com o diretor, que falou com os professores. — Durante o décimo primeiro e o décimo segundo anos, usufruíste de duas das minhas tardes por semana. — Olho-o fixamente, ignorando a madeixa de cabelo que lhe caiu nos olhos. — Os amigos não fazem isso.

Não é toda a verdade sobre a razão pela qual não quero ter nada a ver com o Rory, mas é o máximo que alguma vez irei admitir em voz alta, especialmente a ele.

Há uma pausa, antes de ele arquear as sobrancelhas.

— Achas que sou atraente?

A minha cara começa a arder.

— Foi isso que retiraste do que disse?

Ele encolhe os ombros, desconfiado.

— Certifiquei-me de que recebias créditos extra pelas explicações.

Procuo algo para dizer, momentaneamente atrapalhada, porque não

sabia que tinha sido responsabilidade dele. Pensei somente que estavam a tentar adoçar o acordo.

Olho em volta, à procura da Pippa, do Jamie, do Hayden, do Alexei, qualquer um. As pessoas começaram a ocupar os seus lugares para o jantar.

— Vou sentar-me.

Ele pousa a mão no meu braço, para me deter.

— Espera. — O sorriso arrogante desaparece, substituído por algo sério e sincero nos olhos. — Viste o *e-mail* que o Ward enviou ontem à noite?

— Sim. Agora és capitão de equipa. Parabéns.

Ele franze o sobrolho, abanando a cabeça.

— Sobre o McKinnon — diz ele, observando-me atentamente.

— Oh, meu maldito *Deus*. — Suspiro, exasperada. — Tenho algum sinal nas costas a dizer *Perguntem-me sobre o meu ex-namorado de merda!*, ou algo do género? Eu estou bem. Está tudo bem. — Bato palmas. — Está tudo bem.

Ele cruza os braços sobre o peito largo.

— Disseste «bem» demasiadas vezes.

Solto uma gargalhada.

Ele olha-me nos olhos e o meu coração salta-me para a garganta, devido à preocupação no seu rosto. Ele está tão perto de ver a verdade — que eu não estou bem, que estou verdadeiramente assustada.

— Ainda tens um fraquinho por ele?

Solto um ruído sufocante de incredulidade e as pessoas olham para mim.

— De maneira nenhuma. Não quero nada disto.

A vergonha dá-me voltas ao estômago. É isso que as pessoas pensam? Que ando caidinha pelo Connor há anos?

— Vou falar com o Ward — diz ele, calmamente, tão gentil e cuidadoso, nada parecido com a sua arrogância usual. — O McKinnon pode trabalhar com um dos outros fisioterapeutas. Eu trato do assunto por ti.

Se não o conhecesse melhor, diria que a preocupação nos seus olhos era instinto de proteção. A minha pulsação dispara ao pensar no Rory Miller a pairar sobre mim como o Jamie paira sobre a Pippa, mas controlo-me.

Ele quer o que não pode ter. É apenas mais uma jogada num jogo em que eu não quero entrar.

— Não preciso da tua ajuda — digo-lhe. — Não preciso de um guarda-costas e não quero que interfiras no meu trabalho.

Ele solta um ruído de frustração e passa a mão pelo cabelo. A determinação nos seus olhos faz-me sentir que está prestes a refutar o que eu disse, mas a sua maçã de Adão balança e ele inclina o queixo num aceno de cabeça.

— Está bem — diz, simplesmente. — Não vou interferir.

— Obrigada.

Durante o resto da noite, fico ocupada com a Pippa, o Jamie e a nossa família, mas sempre que olho para o outro lado da mesa, o Rory está a observar-me, ainda com aquele ar protetor e preocupado.

Capítulo 3

Rory

— **H**artley. Três dias depois, estou no ginásio da equipa a vê-la preparar-se para a sua primeira sessão de fisioterapia com o McKinnon.

Ela pousa um peso no chão, evitando o meu olhar.

O meu treinador entra pela porta e eu aceno-lhe, indicando-lhe, com um gesto, *só um momento* antes de me voltar para a Hazel e baixar a voz.

— Só queria saber se reconsideraste a minha oferta de ir contigo falar com o Ward.

Os ombros dela ficam tensos.

— Disseste que não ias interferir.

— Eu apoio-te. Ele provavelmente vai ouvir, mesmo que eu não esteja lá.

Ela solta um suspiro pesado. Tem o lábio inferior macio preso entre os dentes e as sobrancelhas franzidas. Está nervosa.

Aperto as mãos nas laterais do meu corpo. Tenho andado às voltas na minha cabeça, a pensar na forma como a expressão dela se crispou quando falei do McKinnon na festa de noivado, a pensar na proteção invulgar que me invadiu ao imaginar que ela teria de trabalhar com ele.

— Eu sei que és forte, Hartley — digo-lhe, a sorrir para disfarçar a preocupação e os ciúmes. — Só estou a tentar evitar que mates a nova aquisição da equipa.

Ela não se ri e o meu peito aperta-se. Porque será que ela não me deixa ajudá-la?

Observo o seu bonito rabo de cavalo, que lhe expõe a parte de trás do pescoço. O leque de pestanas escuras à volta daqueles lindos olhos azul-acinzentados. A curva exuberante da boca.

— Vou ter de recusar.

É tão teimosa. Se eu não estivesse tão frustrado, iria achar cativante.

— Ele vai pedir desculpa — diz ela, enquanto pousa diversos pesos no chão, em frente do espelho.

— Como? — Não vejo este gajo há anos, mas conheço-o. Gajos como ele? Nunca pedem desculpa. O meu pai é igual.

Ela endireita-se, encontrando o meu olhar.

— Ele enviou-me um *e-mail*. Disse que queria conversar.

Na minha cabeça, começa a soar um alarme.

— Provavelmente quer que voltem.

— Duvido — diz ela, fazendo uma careta —, e mesmo que queira, não vai acontecer.

O alarme começa a silenciar. Pelo menos, já é alguma coisa.

— Ele vai pedir desculpa — continua ela —, e eu vou seguir em frente.

Ela vai mesmo aturá-lo este ano?

— Ele é um parvalhão.

— Tu também.

Não está enganada. Disfarço o sentimento feio com um sorriso arrogante.

— Sim, mas eu sou do tipo que tu gostas.

Ela está prestes a responder, algo inteligente que eu tenho a certeza que vou ficar a pensar o dia todo, mas o McKinnon entra pela porta e o comportamento dela altera-se. Fica tensa quando ele a vê, e ele esboça um esgar mordaz e predatório.

Odeio isto. Ela vai ter de trabalhar com ele e eu não posso fazer nada.

— Rory. — Ela vira-se para mim, suplicando-me com os olhos.

Os nervos atravessam-me. Nunca usamos os nossos nomes próprios. Nunca. Nem mesmo na escola.

— Por favor — diz ela, mantendo o olhar no meu, com preocupação estampada na cara. Esta versão dela é tão diferente da mulher competitiva e confiante que eu adoro provocar. — Nesta altura, só quero fazer o meu trabalho.

O McKinnon vem na nossa direção, mas mantendo o olhar fixo no rosto dela, perscrutando-lhe os olhos. Podíamos resolver esta situação tão facilmente se ela me deixasse ajudá-la. Tenho vontade de a puxar pelos ombros e levá-la diretamente para o gabinete do Ward, mas ela provavelmente iria morder-me e eu provavelmente iria gostar.

Pensamentos intrusivos, acho que é assim que se chamam. Além disso, disse-lhe que não ia interferir, mesmo que tivesse razões para tal.

— Está bem. — Inspiro fundo e sinto os dentes a ranger.

— Cá está ela.

O McKinnon cumprimenta-a como se fosse uma velha amiga, mas ela encolhe os ombros. Os meus instintos protetores surgem e elevo o corpo, usando o meu sorriso característico.

Ele desvia a atenção para mim e o sorriso desvanece-se. Sempre fui uns centímetros mais alto do que ele, e é tão primitivo e estúpido, mas sinto uma satisfação doentia por isso.

— McKinnon. — Inclino o queixo na sua direção.

A Hartley pode ter rejeitado a minha ajuda, mas o meu corpo continua a latejar com possessividade. De repente, percebo como o Streicher se deve ter sentido no ano passado, quando eu andava a sair com a Pippa.

O seu olhar frio encontra o meu, desafiando-me.

— Miller. Ainda à volta da Hazel, não é? Algumas coisas nunca mudam.

Odeio mesmo este gajo. Algo competitivo enrola-se no meu estômago, expandindo-se através de mim, e eu cerro o maxilar. Olho para a Hartley, dando-lhe uma última oportunidade de aceitar a minha oferta.

O olhar dela brilha enfaticamente e ela olha de relance para o sítio onde o meu treinador está à espera.

— O Rory estava de saída, para a sua sessão de treino.

Todos os meus instintos gritam para ficar aqui, ao lado dela, para o caso de este idiota dizer ou fazer alguma coisa que a perturbe, mas, em vez disso, dirijo um sorriso irritante ao McKinnon.

Vou dar uma coça a este idiota com tanta força durante o treino.

— Até logo, Hartley — digo, enquanto olho para o McKinnon de alto a baixo.

Durante a sessão de treino, só consigo ouvir metade do que é dito, mantendo a minha atenção na Hartley e no McKinnon, do outro lado do ginásio, à procura de quaisquer conflitos, observando a linguagem corporal dela para me certificar de que está bem.

Não confio naquele gajo nem um bocadinho.

Capítulo 4

Hazel

Para o meu grande alívio, já não me sinto atraída pelo Connor McKinnon.

Ele sempre foi bonito, mas de uma forma horrorosa, apercebo-me, como um vilão d'A *Guerra dos Tronos*. No entanto, estar ao lado do Rory torna toda a gente menos atraente.

Sinto o coração a bater na garganta enquanto faço os exercícios de fisioterapia com ele e nunca estive tão consciente das minhas ações.

Se for rude com ele, vou parecer a ex-namorada amargurada e cínica. É exatamente isso que eu sou, mas não quero que ele saiba. O meu maior medo é que ele entenda que teve algum efeito em mim.

Se for demasiado amigável, vai pensar que desejo voltar para ele. Mais uma confusão com que não quero lidar.

Por isso, estou a tratá-lo profissionalmente, como trataria qualquer outro jogador, enquanto entro num pânico interior. Ele avança, olhando para si próprio ao espelho. Nem sequer está a observar a sua figura, está apenas a olhar para a sua cara feiamente atraente.

— Cuidado com o joelho — digo, quando a articulação cede.

Ele remexe-se e volta a olhar para si próprio com aquele sorriso estúpido.

Ainda não falou sobre o *e-mail* que me enviou de manhã: *Estou ansioso pela nossa sessão de fisioterapia. Há uma coisa que gostava de te dizer*. Talvez esteja à espera de que a nossa sessão termine.

Ele vai pedir desculpa. Que mais podia ele querer dizer? Vou ter o que preciso para deixar o passado para trás. O que ele fez e disse foi terrível, mas, e se ele sentir remorsos? Isso muda as coisas.

Na minha mente, ouço as palavras que ele me disse no meio da festa, enquanto tinha um braço à volta de outra rapariga.

Eu nunca disse que estávamos numa relação. Tu é que disseste.

Estou aborrecido.

Raparigas como tu não acabam com gajos como eu.

Respiro fundo para acalmar as náuseas. Foi há anos. Já não sou aquela rapariga, a que se dissolveu na vida do namorado.

Olhando para onde o Rory trabalha com o seu treinador, encontro os seus olhos. Ele olha para mim com uma sobrancelha arqueada, como se quisesse perguntar *Está tudo bem?*, mas eu volto-lhe as costas.

O Rory não se preocupa com ninguém a não ser com ele próprio, por isso não sei porque está tão empenhado em ajudar-me. Já vi a facilidade com que consegue partir o coração de uma rapariga.

Enquanto completa os exercícios, o Connor estremece e mexe a coxa para trás e para a frente, e eu tenho uma memória indesejável de massajar esse músculo há uns anos. Ele tem problemas na virilha desde que sofreu uma lesão no nosso primeiro ano na universidade.

— Temos tempo para me fazeres uma massagem? — pergunta ele. — A minha virilha está dorida por ontem ter estado sentado num avião o dia inteiro.

É preciso todo o meu esforço para não transmitir a minha repulsa.

Massagens terapêuticas são uma parte banal do meu trabalho. Se fosse outro jogador qualquer, nem hesitava. Estes homens levam com cada tarefa no gelo, e eu quero fazer tudo o que puder para os ajudar a sentirem-se melhor e a jogar durante mais tempo.

Mas este é o Connor. Não quero respirar o mesmo ar que ele, quanto mais tocar-lhe, mas se o tratar de forma diferente dos outros clientes, significa que ele ainda me afeta.

Convenço-me a ultrapassar a situação.

— Ainda temos alguns minutos. Vou tratar disso — digo-lhe, apontando para uma das mesas que se encontram ao lado do ginásio para os fisioterapeutas e massagistas.

Ele segue-me e deita-se na mesa, arregaçando os calções de treino enquanto eu tiro o óleo de massagem do armário.

Ele já fez isto antes. Eu também. É uma coisa normal. Não vai ser estranho.

Aplico o óleo nas palmas das mãos e, quando as pouso sobre ele, tento concentrar-me na sensação dos músculos tensos sob os meus dedos enquanto os pressiono e deslizo, mas a minha cara está a aquecer.

Já fiz isto por ele, há anos. Quando costumávamos fazê-lo...

Oh, Deus. A minha pele arrepia-se.

Ele ficava excitado e depois transformava-se em sexo.

Ugh. O meu estômago contorce-se com o desconforto. Detesto tudo isto, mas também detesto a vergonha que sinto. Esta seria uma altura *fantástica* para ele pedir desculpa.

Pergunto-me se as outras raparigas com quem ele dormiu, enquanto estávamos juntos, fizeram isto por ele.

Os nossos olhares cruzam-se e o meu coração salta quando ele repara na minha cara a arder. Esboça um sorriso lento, como se me tivesse apanhado a fazer algo que não devia.

— Então — começa ele, pondo as mãos atrás da cabeça. — É uma boa altura para termos uma conversa muito rápida.

O meu estômago contorce-se de nervos, mas mantenho a expressão neutra. Sob as minhas mãos, o músculo começa a soltar-se, graças a Deus.

— Força.

Quando ele pedir desculpa, serei amável. Não me vou armar em esperta. Só quero seguir em frente.

Ele ri-se ligeiramente, olhando para as minhas mãos no interior da sua coxa com um sorriso conspiratório.

— Dada a nossa história, podes ser profissional durante a época?

Faço uma pausa com as mãos. Sim, ele acabou de dizer aquilo. A sensação de enjoo no meu estômago começa a ferver, uma fervura baixa, e eu retiro as mãos do corpo dele.

— O quê?

Ele lança-me um olhar astuto, como se estivéssemos a partilhar um segredo.

— Vá lá. Tu seres a minha fisioterapeuta este ano foi uma coincidência muito grande, e agora isto? — Gesticula para a parte interior da coxa.

Uma sensação estranha percorre-me, ficando mais forte a cada batida do meu coração. Parece que estou a cair, como se o conteúdo do meu estômago estivesse na minha garganta.

Ele estremece.

— Só quero ter a certeza de que não vai ser estranho entre nós durante este ano.

Oh, Hazel. Errada de novo. É quase engraçado como estou sempre errada acerca dos homens.

Ele não vai pedir desculpa. Ele acha que estou a *tentar reconquistá-lo*.

Depois do que ele me fez e disse, ele acha que eu iria estar realmente interessada.

Para ele, sou a pessoa que saiu daquela festa a chorar enquanto toda a gente sussurrava acerca de mim. Sou a rapariga que fez cursos de verão para poder segui-lo até à universidade, como uma tola apaixonada e cega.

Já *não* sou essa pessoa.

A raiva escorre-me no sangue, seguida de uma necessidade intensa de provar que ele está errado.

— Eu não pedi para ser a tua fisioterapeuta. — A minha voz soa estranha. Tensa.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Não? — É evidente que não acredita em mim.

— Não. — A vergonha aperta-me a garganta. Recordo-me de quando ele me disse que era *demasiado apegada*.

Raparigas como tu não acabam com gajos como eu. Meu Deus, até agora, as palavras magoam-me.

Quero tanto, mas tanto, provar que ele está errado.

Do outro lado do ginásio, o Rory observa-nos. Ele ficou de olho em mim durante toda a sessão. O seu desejo de ajudar torna-se pesado nos meus pensamentos.

Ele levanta um peso, mantendo o olhar no meu e flexionando os bíceps e tríceps. A minha pulsação estremece, porque mesmo que ele seja um idiota convencido, o Rory Miller é extremamente atraente. Percebo o porquê de as mulheres lhe caírem em cima, mesmo que eu nunca venha a ser uma delas.

Esperem lá.

Eles odeiam-se, o Rory e o Connor. Nunca se deram bem. Vão andar às turras um com o outro durante a época inteira. O Rory é melhor jogador do que o Connor e, embora o Connor nunca o tenha admitido, é por isso que ele não gosta do Rory.

E o Connor deixou bem claro que eu nunca iria sair com ninguém melhor do que ele.

O Rory é o único jogador da equipa cujo ego ultrapassa o do Connor. Ele é presunçoso, arrogante, e competitivo como tudo, e o melhor disto, ele odeia o Connor quase tanto quanto eu. Como se conseguisse ouvir os meus pensamentos, o Rory inclina os lábios num sorriso, com uma sobrancelha erguida.

Sempre tão arrogante, tão confiante.

A parte de trás do meu couro cabeludo começa a formigar, enquanto o fito através do espelho. Estou prestes a fazer algo muito estúpido, mas não me

importo. Faria qualquer coisa para me livrar deste sentimento de vergonha e de impotência. O desejo de irritar o meu ex é imensurável.

Invoco a cabra demoníaca e inabalável dentro de mim e sorrio para o Connor, intrigada.

— Sabes que eu e o Rory estamos juntos, certo?

O meu coração acelera ao ver a reação dele. Pode ser que tenha valido a pena, ver a sua expressão passar de convencido a confuso e a surpreendido, antes de, por fim, olhar para o Rory e ficar completamente irritado.

— A sério? — pergunta o Connor, olhando para o Rory do outro lado do ginásio. — O Miller?

Sou como um furacão de raiva e de vingança feminina e estou mesmo a fazer isto.

O treinador do Rory diz qualquer coisa, mas ele não está a ouvir — está somente a olhar para mim e para o Connor.

Aceno-lhe, com um toque ligeiro de sedução. Os seus olhos iluminam-se vitoriosos e divertidos, e luto contra um revirar de olhos quando ele lança um sorriso ao Connor.

Meu Deus, o Rory vai ser uma dor de cabeça.

— Mmm. — Ouço a pergunta que ele me fez há instantes, sobre ser profissional, e o meu sangue volta a ferver de raiva, mas continuo a sorrir.

A preocupação agita-se no meu peito. O Rory é injustamente atraente e, até agora, tenho conseguido manter a distância com defesas aguçadas e pouco divertimento, mas ele vai andar em cima de mim, a murmurar-me ao ouvido, a mão na minha cintura, aquele encanto intenso e a fazer tudo o que puder para irritar o Connor.

O meu lado fraco e vulnerável preocupa-se com o facto de poder vir a apaixonar-me. Que me apaixone por ele.

As pontas dos meus dedos roçam uma na outra e, quando sinto o óleo de massagem na pele, outra porção de raiva derretida e furiosa escorre-me no sangue.

O Rory também é um jogador de hóquei mimado que teve a vida toda facilitada. Não me vou apaixonar. O Connor é a recordação do que iria acontecer se ultrapassasse essa mesma linha.

Com a ajuda do Rory, vou fazer com que o Connor se arrependa do que me fez.

Capítulo 5

Rory

— *B*em. — Sento-me no banco ao lado da Hartley, depois de o McKinnon sair. — Alguém mudou de ideias. — Faço um belo sorriso irónico e um aceno de dedos afeminado e esvoaçante, colocando o cabelo atrás da orelha.

Ela aperta os lábios como se quisesse rir. É uma pausa muito agradável da versão tensa e nervosa dela que tenho estado a observar como um falcão durante a última hora.

— É suposto ser uma imitação minha?

— Suponho que o pedido de desculpas do McKinnon não era o que estavas à espera.

Qualquer humor na expressão dela desaparece.

— Ele disse... — Ela dilata as narinas e respira fundo, como se estivesse a tentar evitar incendiar a sala.

— O quê?

— Ele deu a entender que eu tinha pedido para ser a fisioterapeuta dele. — A cara dela fica vermelha. — Como se ainda estivesse interessada nele.

Eu mato-o.

— A sério.

Um arrepio percorre-a, mas ela sacode-o.

— E, depois, a cena da virilha dele.

Oh, eu lembro-me. Quase perdi o controlo, ao ver o desconforto dela enquanto trabalhava os músculos dele. A forma como ele olhava para ela. Os ciúmes continuam a escaldar-me as entranhas.

Ela toca com a língua no lábio superior e olha para mim com relutância.

— Eu disse-lhe que nós namorávamos.

Os meus pensamentos são interrompidos, antes de sorrir.

— *A sério.*

Bem, caraças. Este dia acabou de ficar muito melhor. O meu sorriso é agora de orelha a orelha enquanto o seu rubor se aprofunda. Ela fica tão gira quando está envergonhada.

A Hazel olha para baixo, remexendo os dedos.

— Eu, hmm. Também queria muito deixá-lo incomodado e ele odeia-te.

— Ela ergue o olhar para o meu, hesitante. — Porque tu és melhor jogador do que ele.

— Oh, eu sei. — O coração bate-me no peito como um beija-flor. Estou a gostar mesmo muito desta reviravolta.

— Se não o quiseres fazer...

— Eu quero. — Olho para ela como se estivesse num maldito anúncio a uma pasta de dentes. — Faço-o com todo o gosto, Hartley.

Ela fecha os olhos e abana a cabeça.

— Eu sabia que ias ser presunçoso em relação a isto. *Okay*, precisamos de definir os termos. — Adota a sua expressão pensadora. — Vamos namorar durante meia época. Até ao dia 1 de janeiro. — Passa os olhos por mim, a avaliar. — Ou antes, se algum de vocês for transferido.

Sinto um peso nas entranhas. Não importa se sou o capitão; se o Ward não gostar do que vê, saio da equipa.

— Dia 1 de janeiro. Combinado.

— Não podes andar com outras raparigas enquanto fingimos estar juntos. Vai estragar a farsa.

— Claro que não. — Já não é um problema que tenha atualmente.

Ela semicerra os olhos.

— Porque estás a concordar com isto com tanta facilidade?

Imagino-nos aos beijos enquanto um McKinnon furioso assiste e o sangue dispara até ao meu membro. Desço o olhar para a sua boca volumosa. Aposto que os lábios dela são macios. Parecem ser macios.

Os olhos dela ficam alarmados. Merda. Ela fez-me uma pergunta e dizer que estou interessado nela vai fazer com que fuja.

— Oh. — A expressão da Hazel altera-se. — Compreendo.

O pânico aperta-se-me nas entranhas.

— Queres ficar bem-visto como capitão — diz ela.

— Sim — apresso-me a dizer, aliviado. — Exatamente.

Ela bufa, pensativa.

— Os fãs ficaram loucos no ano passado, quando o Jamie e a Pippa começaram a namorar.

Esta época, corrige o teu comportamento, disse o Ward, no seu gabinete.

Um jogador de hóquei de braço dado com uma rapariga simpática e da mesma cidade é a forma mais rápida de limpar uma reputação.

Não diria que a Hartley é exatamente *simpática*, mas é bem-vista pelos jogadores e pela organização. O Ward quer um gajo responsável, e a Hartley é a minha oportunidade.

— Finjo ser o teu namorado dedicado e faço tudo o que puder para irritar o McKinnon — digo-lhe —, se me ajudares a parecer o capitão de que a equipa precisa. O Ward quer um gajo com uma imagem limpa. Tu és ótima no teu trabalho e todos gostam de ti.

Ela abre a boca, surpreendida.

— Obrigada.

— É a verdade.

Encolho os ombros, aclarando a garganta. Provocamo-nos um ao outro, mas não nos elogiamos desta forma. Não sei bem porque o fiz.

— Preciso que vás comigo a eventos e a outras coisas. Há uma cena de beneficência em dezembro e o Clássico da Liga de Inverno na véspera de Ano Novo.

É numa estância de esqui local que não conta para a época, mas as equipas usam as camisolas de hóquei originais e jogamos num rinque ao ar livre. É nostálgico.

— Vou contar ao Ward sobre nós — acrescento —, mas acho que não vai ser um problema. — No ano passado, a Pippa e o Streicher namoraram, quando ela trabalhava para a equipa.

— Obrigada. — Ela brinca com as pontas do cabelo, remexendo-as entre os dedos. — Eu vou ao jogo na sexta-feira. O Connor vai jogar, certo?

Aceno com a cabeça e consigo ver as engrenagens a trabalhar na cabeça dela.

— Vou sentar-me com a Pippa e depois vamos sair com a equipa. Tenho a certeza de que ele vai lá estar. É nessa altura que podemos... — Cruzamos olhares e ela parece perder a linha de raciocínio. — Toda a gente nos vai ver juntos.

— E vais vestir a minha camisola. — O orgulho percorre-me com a imagem.

— Hum. Não. — Ela faz uma careta. — Eu não uso camisolas de homens. Ela usava a camisola do McKinnon, mas não o menciono.

— Se queres atingir o McKinnon, tens de te empenhar a fundo. Vais usá-la.

Ela mantém o olhar no meu por um longo momento, antes de acenar ligeiramente com a cabeça.

— Quero contar o nosso plano à Pippa. Ela não vai acreditar de outra forma.

— Achas que não consigo ser convincente? — Lembro-me da sensação da cintura dela sob a minha mão, no cheiro incrível do seu cabelo. — Devíamos falar dos nossos limites, para o caso de eu ir longe de mais. Combinar uma palavra de segurança e tudo o resto.

Uma certa determinação e fúria brilham nos seus olhos bonitos.

— Eu quero mesmo lixá-lo. — Uma pausa. — Não existe longe de mais.

Jesus Cristo, a Hartley fica *sexy* quando está zangada. Estou um bocado duro. Observo a boca dela.

— Nenhuma palavra de segurança. Entendi.

— Miller.

— O quê? — Ainda estou a olhar para a boca dela.

— Isto é a fingir.

— Eu sei.

— Não te apaixones.

— Não vai acontecer. — Pergunto-me se ela me deixaria beijá-la à frente do McKinnon.

Ela inclina a cabeça para prender o meu olhar.

— Tens de concordar sem olhares para a minha boca e te babares.

Deixo escapar uma gargalhada e pestanejo.

— Eu não me estava a babar.

Ela revira os olhos, mas está a sorrir. Aclara a garganta.

— A sério. Não te apaixones, porque eu não me vou apaixonar.

Perigoso. Isto é muito perigoso, fazer este tipo de jogo com ela. Vai descobrir quem sou e fugir na direção oposta. É assim que funciona com gajos como eu e o meu pai.

Mesmo assim, estendo a mão para apertar a dela, com a pulsação a latejar nos meus ouvidos.

— É só espetáculo. — Adoro como os olhos dela brilham com algo interessante quando me aproximo. — Não precisas de me dizer duas vezes.

Envolvo a mão na dela e concentro-me no sítio onde nos tocamos. A mão dela é delicada e macia, encaixando-se perfeitamente na minha. Ela é tão bonita, malvada e perfeita, e vai arruinar-me.

— Oh, Hartley. — Faço-lhe um dos meus sorrisos convencidos característicos. — Vai ser tão divertido.